

## Você está brincando?

Rosanna Lauriola \*

Tradução: Eva Paulino Bueno

*Dedicado a todas as  
mulheres que  
sofreram e sofrem “a  
maior dor possível”*

**Resumo:** A presença de uma imagem tal como a que aparece na página ([http://farm4.static.flickr.com/3252/2843406747\\_3c135d63d9.jpg?v=0](http://farm4.static.flickr.com/3252/2843406747_3c135d63d9.jpg?v=0)) evoca tanto os enormes esforços feitos no mundo inteiro para aumentar a consciência sobre os perigos do estupro, e dos horrores do estupro para mulheres do mundo inteiro. Fazer piadas com tal assunto é ofensivo tanto para as pessoas—homens e mulheres—que têm lutado por tanto tempo, e para as vítimas deste crime. As pessoas que usam o assunto do estupro para fazer brincadeiras causam imensa dor e imenso dano.

**Palavras-chave:** estupro, internet, lutas, silêncio, voz.

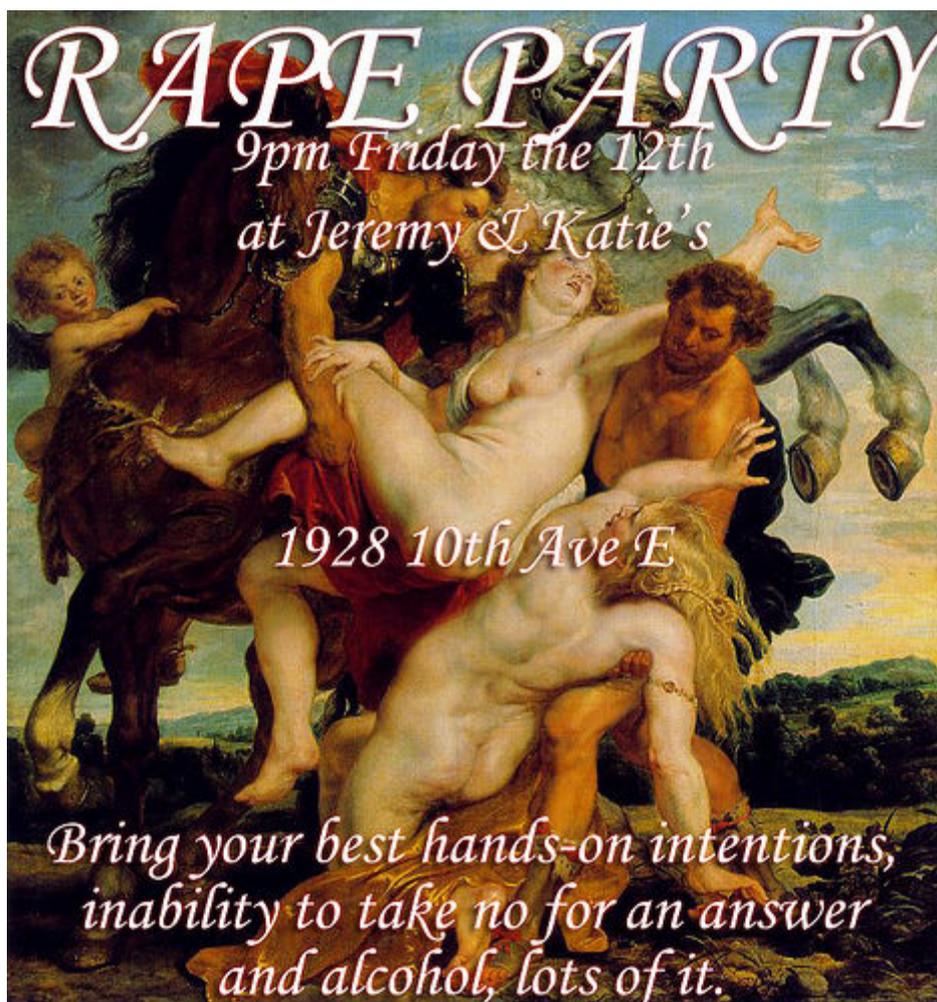
Era uma quarta-feira comum. De volta ao meu escritório, depois da minha última aula, continuei a trabalhar em uma apresentação para uma conferência em Albuquerque, Novo México, em que íamos discutir “Representações Clássicas na Cultura Popular”, na conferência anual do *Southwest Texas Popular Culture and American Culture Association*, em fevereiro de 2010.

O título da minha apresentação poderia parecer não ter muito com a minha seção na conferência, que era, “Propondo o rapto ‘heróico’ na arte: Vendo o lado das vítimas”. O subtítulo ajuda a compreensão do trabalho, porque une um mito clássico em uma das suas interpretações artísticas da Renascença a uma representação moderna na arte contemporânea: “O Rapto das filhas de Leucippus” um quadro pintado por Peter Raul Rubens (1616), comparado com a obra chamada “Classic Tragedy”—“Uma tragédia clássica”, feita pelo artista Michael

Merck em 2004. O propósito daquele trabalho que eu estava preparando era combinar o estudo de um assunto importante que está se tornando um dos principais temas de pesquisa no campo de Estudos Clássicos, e sua recepção nos dias de hoje, e que é considerado, apesar da sua relevância, um assunto desconfortável — senão tabu: o estupro.

Como precisava encontrar uma boa reprodução do quadro de Rubens para mostrar durante minha apresentação na conferência, eu, como muitas pessoas, procurei a maneira mais fácil, isto é, coloquei o nome da pintura nas “imagens” do Google, para encontrá-la com um “click” mágico. Logicamente, fiquei impressionada com o número de resultados, mas sem ter certeza sobre a diferença entre as imagens mostradas, eu comecei a clicar em cada figura, até que vi esta, que está disponível na página

([http://farm4.static.flickr.com/3252/2843406747\\_3c135d63d9.jpg?v=0](http://farm4.static.flickr.com/3252/2843406747_3c135d63d9.jpg?v=0))



Tive que re-ler o texto do poster pelo menos duas vezes, porque eu não acreditava nos meus próprios olhos.

Acho que fiquei olhando esta pintura por alguns segundos, quase paralizada diante de tal *opprobrium*, antes de perguntar alto e institivamente, “Esta gente está brincando?” mas ainda olhando a imagem na minha tela, como que esperando por uma resposta, que naturalmente não veio, então eu mesma tive que dar a resposta, para mim mesma, “Não, eles não estão brincando”.

Ainda boquiaberta diante de tal poster, vi, como se fosse um filme, todas as lutas, todos os esforços que têm sido feitos para aumentar a consciência

social e a responsabilidade cívica contra a violência, tudo desaparecido, como num passe de mágica.

Como pode alguém “fazer propaganda” de estupro? Acima de tudo, que tipo de gente é esta que convida pessoas para que venham estuprar? E não importa se tal convite foi feito de verdade ou de brincadeira. De fato, fazer uma piada como esta é tão imperdoável e deplorável como organizar este tipo de festa pra valer. Por brincadeira, ou de verdade, a mensagem é tristemente clara: estuprar não é problema nenhum, e estuprar em uma festa é um direito que os homens têm: “Tragam suas melhores intenções diretamente em suas mãos, assim como sua incapacidade de aceitar um não como resposta...”

Este “anúncio” não é um desafio insultante a uma situação que ocorre na sociedade? Não é a festa, em particular, a situação *clássica* em que a maioria das adolescentes e estudantes universitárias vivem o que só pode ser caracterizado como a “*douler sour toutes autres*”—“a maior dor possível”— como Cristin de Pizan escreveu em *Livre de la Cite des Dames* em 1405? Não é esta a situação *clássica* em que as mulheres são destinadas a passar pela situação em que “não significa sim”? Esta não é uma afirmação cruelmente desrespeitosa para as vítimas que sofrem uma dupla injustiça, o ato em si e o estigma sobre sua reputação devido à maneira em que as vítimas têm sido vistas como “implicadas” no crime, como as que de alguma maneira queriam ser estupradas, como aquelas cujo “não significa sim”? Esta figura não representa uma piada deplorável em que a linha final toca no ponto primordial do estupro, a falta de consentimento por parte das vítimas? Esta figura não é uma horrível ofensa a todas as mulheres, porque diz que elas devem ser estupradas, já que uma “incapacidade de aceitar um não como resposta” é necessária?

E esta figura não é, finalmente, uma celebração do poder do homem que não pode aceitar um “não”, não suporta não obter o que deseja, e que precisa justificar um “não” ao tomá-lo como “sim” e desta forma assegurar o seu orgulho masculino?

Este abuso intencionalmente orientado ao homem, mais do que o uso da pintura de Rubens por aquelas pessoas que ousaram colocá-las em Google, participa de um desprezível desejo de lembrar-nos a todas “quem é o homem”! e para reforçar que a conduta de um homem não deve ser questionada. Se as pessoas que usaram esta pintura para seu poster sabem o

significado dos mitos antigos sobre o rapto e sua recepção na arte da Renascença é irrelevante neste caso, diante da intolerável mensagem que comunicam. E duvido que existe qualquer tipo de intelectualismo nestas pessoas, e em todo caso é ainda pior se algum tipo de “intelectual” está por trás desta idéia infeliz.

Apesar de todas as lutas corajosas e inciativas que as mulheres têm empreendido para conseguir seus direitos, e o seu direito inalienável de serem respeitadas da mesma forma que os homens querem ser respeitados, apesar das grandes conquistas que mulheres têm conseguido, infelizmente é necessário reconhecer que nem todos os homens estão de acordo com estes esforços, nem todos os homens pensam que as mulheres têm os mesmos direitos que eles, e prefeririam que todas as mulheres ainda estivessem na mesma situação à qual foram confinadas por tanto tempo: obedientes, submissas, cuidando das crianças e cuidando da casa, e especialmente “em silêncio”. E se as mulheres ousam dizer “não”, eles não aceitam.

O que é alarmante e razão para muita preocupação é — adicionalmente — a questão da disponibilidade de tal mensagem. Que tipo de impacto pode um poster como este com uma mensagem como esta ter nos jovens que ainda podem não ter as ferramentas emocionais para discriminar o que é certo e o que é errado? Queremos que nossos filhos, nossos jovens, vejam tal coisa e leiam tais palavras? Podemos ter certeza que eles não serão afetados a ponto de achar que estupro não é lá uma grande coisa, e que realmente é até divertido?

Como eu recebi um treinamento filológico rigoroso no campo de literaturas Clássicas, mas sempre

querendo aprofundar meu conhecimento e visão ao pensar e trabalhar com assuntos sociais relacionados à antiguidade clássica, tenho que admitir que no princípio comecei a estudar o assunto do estupro dentro dos Estudos do Gênero com algum ceticismo. No início, embora pensasse que seria útil para os alunos investigarem e reconstruírem as raízes culturais de tal fenômeno, eu achava que não havia realmente necessidade de investigar isto como um assunto que estaria diretamente ligado ao “uso” dos Estudos Clássicos para contribuir para o aumento de consciência e da responsabilidade cívica. Todo mundo — eu pensava — concorda que o estupro é condenável; todo mundo sabe que não deve ser cometido, e que não há nenhuma desculpa quando ele acontece. Por que, eu pensava, deveríamos falar de estupro em nossas aulas, não somente como um episódio “mítico” que podia explicar para os povos antigos a origem das características básicas do mundo (os rituais, as estações, as plantas, etc.), mas como um evento que poderia disfarçar outro muito mais sério?

Certamente, a compreensão da presença de um grande número de histórias sobre raptos e estupro na cultura antiga, o reconhecimento da ocorrência de características que são similares à aquelas que caracterizam o estupro nos nossos dias, a importância de relacionar o passado ao presente para ensinar aos jovens como usar um exemplo do passado e o que aprender dele, a importância de entender por que certas coisas são como são, e como reagir a elas, todas estas considerações basicamente simples têm me dado razões suficientes para começar a me dedicar ao tema do estupro também.

Em um congresso de que participei recentemente, chamado “New Ventures in Classics Pedagogy: The Challenge of ‘Teaching about Rape’” — “Novos Rumos na Pedagogia sobre os Clássicos: O Desafio de ‘Ensinar sobre Estupro’”<sup>1</sup>, houve uma mesa de estudos em que nós, as apresentadoras, ficamos muito gratificadas de ver muitos professores homens levantando questões específicas sobre classe, reações, situações, e que aumentaram minha convicção da relevância e da importância de se falar de estupro em nossas aulas de Estudos Clássicos também. Este poster finalmente me convenceu que definitivamente nunca é demais falar sobre estupro e nós, porque somos professores e educadores, devemos levantar este assunto de diferentes perspectivas usando, cada um de nós, seu campo de estudos. Não podemos de jeito nenhum achar que os nossos alunos estão conscientes do que este crime significa; nós temos que impedi-los de continuar sendo guiados por suposições e crenças culturais tais como aquelas que vemos no infeliz poster que estamos discutindo. Finalmente nós, como adultos, como educadores, como cidadãos do mundo, temos que dar exemplo e denunciar o que está errado, tal como esta abominação de se levar a pensar que estuprar “é divertido”. Não podemos tolerar a presença de tal imagem (e quem sabe quantas mais há, correndo livremente na internet). Nós não podemos fingir que não vimos, não podemos esperar até que uma coisa horrível assim aconteça com alguém

<sup>1</sup> Organizado por Kathy L. Gaca e Lillian Doherty, sob os auspícios do *Women’s Classical Caucus* — Reunião das Mulheres em Estudos Clássicos, realizado no congresso anual da *American Philological Association* — Associação Americana de Filologia, que teve lugar em Anaheim, Califórnia, de 6 a 9 de janeiro de 2010.

próximo de nós, para depois tomar a iniciativa. Cada um de nós tem o dever de reagir, de falar alto.

As pessoas que puzeram aquele poster insultuoso, a sério ou de brincadeira, gostariam de reduzir-nos ao silêncio. Afinal, quem se importa com um mero poster. Quem diria alguma coisa?

Ao dizer “eu me importo”, acho que estou falando por todas as mulheres, cujo sofrimento e humilhação são tão cruelmente e desrespeitosamente ignorados naquele poster, por todas as mulheres, porque todas merecem respeito e têm o direito de serem ouvidas, por todos os homens que têm consciência, que são responsáveis e ousam fazer a diferença ao se separarem dos “standares” e estão dispostos a lutar ao lado e do lado das mulheres, e finalmente por todas as crianças e gerações futuras por cujas condições de vida nós somos responsáveis.

Os que produziram o infeliz poster — e outros como eles — gostariam de nos

reduzir ao silêncio? Eles provavelmente querem ridicularizar os esforços que todos nós, homens e mulheres, temos feito para desestabilizar a silenciosa aceitação de tal ato infame?

Bem, se tal é o caso, eles vão ter que aceitar que estamos determinados a seguir o exemplo da corajosa heroína antiga, Philomena que foi estuprada pelo seu cunhado, e depois teve sua língua cortada pelo mesmo homem que queria impedir que ela denunciasse seu crime. Mas ela o denunciou de todas formas, ela gritou alto o que tinha acontecido, ao bordar uma tapeçaria que descrevia o crime, que falava dele, silenciosamente, mas de uma maneira que todos ouviram.

Aquela tapeçaria era o que Sófocles chamou “o veículo da voz”.

Que nossas vozes também sejam o veículo de nosso protesto contra esta abominação.



\* A Dra. **ROSANNA LAURIOLA**, é professora Assistente de Línguas e Literaturas Clássicas em Moscow, na University of Idaho. [lauriola@uidaho.edu](mailto:lauriola@uidaho.edu)